

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

João Henrick Oliveira de Souza

**NEGROS EM FOCO: CANAL NO YOUTUBE SOBE A INSERÇÃO DE  
PESSOAS NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO**

**GOIÂNIA  
2022**

João Henrick Oliveira de Souza

**NEGROS EM FOCO: CANAL NO YOUTUBE SOBE A INSERÇÃO DE  
PESSOAS NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás como requisito final  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Jornalismo.

Orientadora: Profª Msc. Gabriella  
Luccianni Morais Souza Calaça.

**GOIÂNIA**  
**2022**

João Henrick Oliveira de Souza

**NEGROS EM FOCO: CANAL NO YOUTUBE SOBE A INSERÇÃO DE  
PESSOAS NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, orientado pela Prof<sup>a</sup> Msc. Gabriella Luccianni Morais Souza Calaça.

Goiânia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Resultado: \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Msc. Gabriella Luccianni Morais Souza Calaça  
(Presidente da Banca)

---

Prof<sup>a</sup> Msc. Denize Daudt dos Santos Bandeira  
(Avaliador)

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Rogério Pereira Borges  
(Avaliador)

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre os avanços e barreiras para a inserção de pessoas negras no mercado de trabalho, por meio da criação do canal Negros em foco, no Youtube. A partir do estudo sobre racismo estrutural, foram definidas as subtemáticas a serem trabalhadas, que resultaram em cinco vídeos: racismo, educação como instrumento de transformação; inserção de pessoas negras no mercado de trabalho; mulheres negras nas empresas; e papo de preto. As etapas passaram pela produção do roteiro, gravação e edição dos vídeos, além da criação da marca do canal e da divulgação no Instagram. O produto reforça a importância da criação de políticas afirmativas dentro das instituições públicas e privadas para que negros e negras possam conquistar postos de destaque no mercado.

**Palavras-chave:** Youtube. Negros e Negras. Mercado de trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 CARACTERÍSTICAS DA INTERNET</b> .....	8
2.1 YOUTUBE .....	13
<b>3 RACISMO</b> .....	16
3.1 REALIDADE BRASILEIRA.....	20
<b>4 CANAL NEGROS EM FOCO</b> .....	24
4.1 NOME E MARCA .....	24
4.2 PROJETO EDITORIAL, SUBTEMAS .....	25
4.3 PROCESSO PRODUTIVO .....	29
4.4 INTERAÇÃO .....	29
4.5 MEMORIAL .....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Print da Página Inicial do Site Uol.....	12
Figura 2 – Print de Matéria do Site Uol.....	12
Figura 3 – Print do Site Uol.....	13
Figura 4 – Marca do Canal Pretos em Foco.....	24
Figura 5 – Perfil do Instagram.....	30
Figura 6 – Métricas da Publicação.....	31

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo vídeo 1.....	25
Tabela 2 – Resumo vídeo 2.....	26
Tabela 3 – Resumo vídeo 3.....	27
Tabela 4 – Resumo vídeo 4.....	28
Tabela 5 – Resumo vídeo 5.....	28
Tabela 5 – Periodicidade/Frequência das Publicações.....	30

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira é formada pela miscigenação de distintos povos que ocuparam o Brasil ao longo da história e, ainda hoje, existem barreiras culturais e econômicas que impedem a igualdade de oportunidades entre a população. O Artigo 5º da Constituição Federal Brasileira estabelece que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, mas, apesar da equidade formal ser garantida no Ordenamento Jurídico Brasileiro, na prática, ela não é cumprida.

É possível considerar que atualmente existe uma guerra, onde as disputas não ocorrem somente por conflitos de interesses econômicos, frutos do sistema capitalista, mas principalmente pelo viés da discriminação e do preconceito disfarçado de ideologia por parte de grupos sociais dominantes da sociedade brasileira (MORAIS, 2014).

Atento a essa realidade, o objetivo do presente trabalho é refletir sobre a inserção de pessoas negras no mercado de trabalho, mostrando os avanços e barreiras na área. Para isso foi criado o canal Negros em Foco (<https://www.youtube.com/channel/UCIjT2btyf5E34hGiK6xTUeA>), no Youtube. A escolha da internet foi motivada pelas características desse meio, como a acessibilidade, facilidade de publicação e interação, multimídia e hipertextualidade.

Os objetivos específicos são: apontar os efeitos causados pelo abandono da população negra após a abolição da escravidão, apresentar as barreiras existentes para a inserção da população negra, principalmente mulheres, no mercado de trabalho; discutir formas de combater o preconceito e inserção do negro no ambiente corporativo.

No primeiro capítulo, são trabalhadas as características da internet, como a multimídia, instantaneidade, interatividade, além das especificidades do Youtube. No segundo capítulo, é discutido o conceito de racismo. O terceiro capítulo traz o planejamento do canal Negros em Foco. No total, foram produzidos cinco vídeos, de aproximadamente sete minutos, com as seguintes subtemáticas: racismo; educação como instrumento de transformação; inserção de pessoas negras no mercado de trabalho; mulheres negras nas empresas; e papo de preto.

## 2 CARACTERÍSTICAS DA INTERNET

Os primórdios da Internet remetem à reação do governo norte-americano ao projeto Sputnik, da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), capitaneadas pela Rússia, durante a Guerra Fria, em 1957. Peritos militares norte-americanos desenvolveram a rede da Agência de Investigação de Projetos Avançados dos Estados Unidos (Arpanet), durante a disputa do poder mundial com a URSS (TURNER E MUÑOZ, 1999).

As Forças Armadas dos Estados Unidos, em 1962, “encomendou um estudo para avaliar como suas linhas de comunicação poderiam ser estruturadas de forma que permanecessem intactas ou pudessem ser recuperadas em caso de um ataque nuclear” (TURNER E MUÑOZ, 2002, p. 27).

Briggs e Burke (2006, p. 3001) explicam que “no início, tratava-se de uma rede limitada (Arpanet), compartilhando informações entre universidades “hi-tec” e outros institutos de pesquisa”. Com cerca de dois mil usuários em 1975, a Net permitia acesso livre aos professores e pesquisadores usuários desta tecnologia. As universidades já compreendiam as possibilidades de difusão e de compartilhamento de informação da rede, mas ainda era importante entender as possibilidades comerciais da internet (BRIGGS e BURKE, 2006).

A CompuServe, primeiro provedor de serviços comerciais on-line, iniciou suas operações em 1979, nos Estados Unidos, tendo como sócio o Grupo Time/Warner. Grupos alemães e franceses perceberam o “novo negócio” e ligaram-se à American On-Line (AOL), fazendo surgir o segundo provedor. Na sequência, Prodigy surgiu como um provedor de serviços comerciais online no mercado norte-americano, permitindo a ampliação do uso (BRIGGS E BURKE, 2006).

A internet chegou ao Brasil em 1988 por iniciativa da comunidade acadêmica de São Paulo - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - do Rio de Janeiro - pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC). Em 1989 o Ministério de Ciência e Tecnologia criou a Rede Nacional de Pesquisas (RNP), uma instituição com objetivos de iniciar e coordenar a disponibilização de serviços de acesso à internet no Brasil (STANTON, 1998).

Segundo Zilveti (1995), em 1995, a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) anunciava o lançamento de seu projeto comercial de provimento de acesso à Internet diretamente ao usuário final, em caráter experimental, que seria feito em conjunto com o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), por meio da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP).

Na época de seu surgimento, a internet apresentava características advindas de outros meios de comunicação, como o jornal impresso, o rádio e a TV. Mas, ao longo da história, algumas delas foram desenvolvidas e transformadas. Canavilhas (2014) destaca sete características principais da internet: personalização, memória, instantaneidade, ubiquidade, interação, hipertextualidade e multimídia.

A personalização ou customização se dá quando o conteúdo jornalístico se adapta às preferências do usuário, que são identificadas de maneira interativa (preenchendo formulários ou pré-seleção de assuntos, por filtro ou hierarquização), ou por *cookies*, que se instalam nos navegadores (CANAVILHAS, 2014).

A memória, capacidade de armazenar informações, não é uma característica específica na internet. Os jornais impressos sempre mantiveram os arquivos físicos das edições anteriores. O rádio e a televisão também mantêm seus arquivos em áudio e imagem. Porém, na internet, a memória está conectada à interatividade, hipertextualidade multimídia, personalização e à instantaneidade. Além disso, não há limites para o armazenamento de informações, o que potencializa o poder da memória (PALACIOS, 2014).

Outro diferencial da internet é a instantaneidade, marcada pela possibilidade de atualização contínua da informação. O ciberjornalismo deixou para trás as barreiras do tempo impostas pelo encerramento diário de um jornal ou pela publicação do impresso no dia seguinte. Somado a isso, o jornalista não é mais o único responsável por dar a notícia em primeira mão.

O repórter não sabe mais se o leitor já tomou conhecimento da informação a ser passada, visto que essa se difunde de maneira rápida pela rede, mas tem o compromisso com a apuração, com a veracidade e com a contextualização dos fatos (BRADSHAW, 2014). As últimas notícias se tornaram um diferencial do ciberjornalismo, permitindo o acompanhamento minuto a minuto dos desdobramentos das informações. A facilidade de produção e de

disponibilização, próprias da Internet, possibilitam a constante atualização de maneira ágil (PALACIOS, 2014).

A instantaneidade está relacionada à ubiquidade, que significa “ser encontrado em todo lugar” (PAVLIK, 2014). Quando falamos de mídia ubíqua, nos referimos à possibilidade de qualquer cidadão ter acesso, em qualquer lugar, à informação em tempo real, podendo, inclusive, interagir com ela. A ubiquidade é um fenômeno que ganhou força no jornalismo recentemente, graças principalmente à explosão dos *smartphones*.

Ligada a isso, está a interação. No ciberespaço, o usuário tem a liberdade de escolher o que consumir e faz seus próprios caminhos. A interatividade também está presente nas rotinas de trabalho de todos os jornalistas, independentemente do meio de atuação. De forma ativa, o leitor pode comentar, sugerir e reclamar, em forma de texto, foto, vídeo, auxiliando na produção de conteúdo. Assim, ele passa a ser coautor da informação digital (ROST, 2014).

Além de se comunicar com os produtores da informação, os leitores também interagem com o próprio conteúdo e com outros leitores. Por meio de comentários abaixo das notícias, perfis em mídias sociais abertas à participação de utilizadores, blogs, publicações de endereços de correios eletrônicos, o leitor pode dialogar, discutir, confrontar e apoiar. O compartilhamento da notícia aumenta o alcance da informação (ROST, 2014).

A interatividade seletiva alude às possibilidades de o utilizador controlar o processo de recepção dos conteúdos. À medida que consome, o leitor pode eleger o ritmo e a sequência das mensagens, pode clicar no *link* inserido em uma matéria ou pressionar o *play* de um vídeo que complementa a notícia (ROST, 2014). Essa possibilidade de ligação entre diferentes tipos de texto caracteriza a hipertextualidade, interconexões entre textos através de hiperlinks, oferecendo a alternativa do redirecionamento para a complementação da informação por meio de fotos, áudios ou vídeos.

O hipertexto é uma possibilidade de expandir a cobertura do fato, agregando informações em diferentes linguagens, e de aumentar a credibilidade da informação. O público define o nível de aprofundamento que dará a essa experiência, acessando desde a origem da informação e atestando a legitimidade das fontes e dados publicados (CANAVILHAS, 2014).

A informação é disponibilizada em modernos formatos, modelos, estrutura e, sobretudo, linguagens, narrativas e rotinas sintonizadas com o potencial da multimídia. Um dos conceitos de multimídia é a convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico, que se torna possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade (SALAVERRIA, 2014).

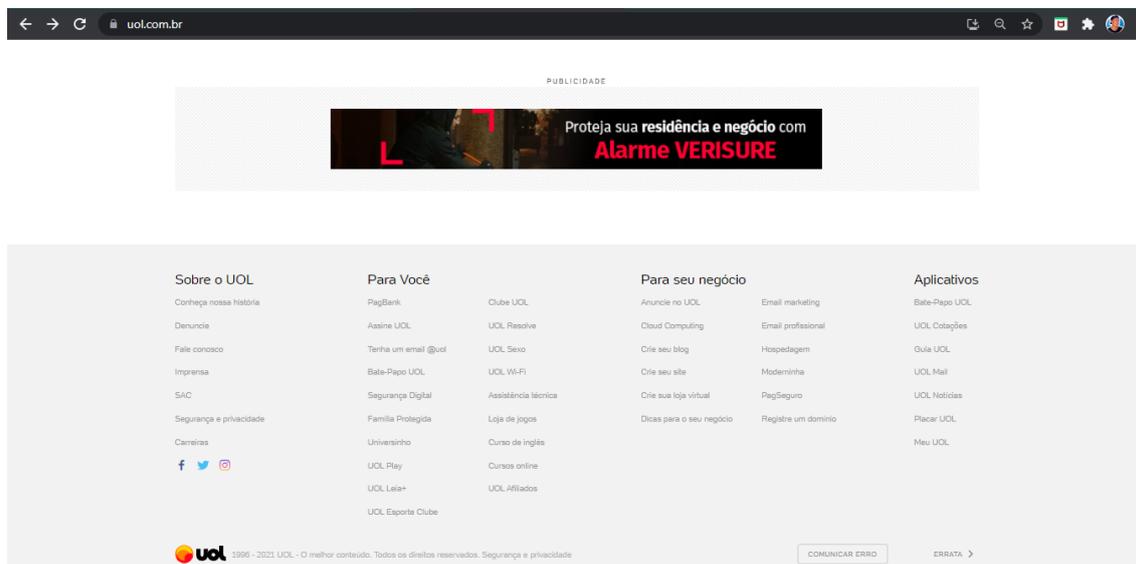
Embora a multimídia já esteja presente na TV, o autor supracitado explica que a internet tem a possibilidade de alcançar um nível de multimídia maior que outros meios. Ela permite a criação, produção e circulação de uma reportagem inovadora, fazendo com que o jornalista se apoie em uma ferramenta de criatividade técnica de produzir em vários formatos uma mesma matéria. A contextualização do conteúdo pode ser realizada de acordo com o formato mais adequado para contar uma história.

No portal UOL<sup>1</sup>, vemos claramente a presença das características da Internet anteriormente mencionadas. A interatividade seletiva está presente em todas as matérias. É possível fazer comentários, imprimir, comunicar erro e compartilhar nas redes sociais (com algumas variações das redes sociais disponíveis). No final da página, o portal disponibiliza uma área voltada para a interação do público, onde é possível fazer o envio de áudios, fotos, slides, textos e vídeos. Ao clicar no link “Sobre o UOL”, aparecem opções de contato com o SAC, Publicidade, a Assessoria de Imprensa e a Redação do UOL. Além de algumas opções de interatividade, como aplicativos, loja de jogos, criar e-mail e blogs.

---

<sup>1</sup> O portal UOL possui uma plataforma chamada Universa Uol, para a mulher que protagoniza o mundo em evolução. Neste portal também é discutido sobre raça, além de outros recortes sociais.

Figura 1 – Print da página inicial do Site Uol



Fonte: <https://www.uol.com.br/> Acesso em 10/10/2021

A hipertextualidade é outra característica marcante do site, que possui muitos hiperlinks, seja nas notícias, seja na página inicial. Como exemplo, a reportagem “Transgêneros” permite ao leitor construir sua própria sequência de leitura, aprofundando o conteúdo por meio dos *links*.

Figura 2 – Print de matéria do Site Uol

**Por que inflação está tão alta?**

As principais causas da inflação atual são:

- **Dólar:** A alta da moeda encarece produtos importados, insumos usados na produção nacional e itens que tem seu preço definido no mercado internacional, como os combustíveis. O dólar é vendido hoje acima de R\$ 5,30, mas deveria estar na casa de R\$ 4,70 se fossem considerados apenas os fundamentos da economia brasileira, nas contas do economista-chefe da Genial Investimentos, José Márcio Camargo. O que faz o dólar ir além desse patamar são as incertezas políticas, relacionadas ao andamento das reformas no Congresso e aos choques entre o presidente Bolsonaro e o STF (Supremo Tribunal Federal). Esses problemas aumentam o risco-país e afastam investidores estrangeiros.
- **Combustíveis:** O dólar alto puxa os preços de gasolina, diesel e etanol. Como os transportes entram na conta de custos de todos os setores da economia, a alta dos combustíveis contamina outros preços. Em 12 meses, eles já subiram 41.7%

Fonte: <https://www.uol.com.br/> Acesso em 12/10/2021

A multimídia, por sua vez, é abundante nas matérias, e, na amostra analisada, pode ser encontrada na página inicial nos formatos de foto, texto e vídeo.

Figura 3 – print do Site Uol



Fonte: <https://www.uol.com.br/> Acesso em 12/10/2021

O site ainda possui link para as redes sociais, recursos cada vez mais utilizados na internet para promover a divulgação de conteúdo e a interação com leitores. A seguir, passamos ao estudo das redes sociais.

## 2.1 YOUTUBE

Os elementos das redes são dinâmicos e estão sempre em ação, evoluindo e mudando rapidamente. Com a criação e a popularização da internet, o ambiente virtual também passa a construir redes sociais. Essas são espaços de conversação e motores de distribuição de notícias (ROST, 2014).

O YouTube ocupa a segunda colocação no ranking entre os sites mais acessados do mundo, sendo superado apenas pelo Google (ALEXA, 2018). Uma pesquisa realizada pelo site Crehana (2022),<sup>2</sup> mostra que, em 2021, o Youtube foi a rede social mais usada no Brasil.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.crehana.com/pt/blog/brasil/redes-sociais-mais-utilizadas/>. Acesso em 21/11/2021

Fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal, o YouTube só foi divulgado para o público (ainda restrito) em junho de 2005. Seus criadores buscavam oferecer uma interface simples, pela qual os usuários poderiam realizar o *upload* de vídeos e compartilhá-los (BURGESS E GREEN, 2009).

Os autores supracitados explicam que, na época, o YouTube era um entre os vários serviços concorrentes que tentavam eliminar as barreiras técnicas para maior compartilhamento de vídeos na internet. Disponibilizava uma interface simples, dentro da qual o usuário podia publicar ou assistir vídeos sem a necessidade de conhecimentos técnicos e sem limites para o número de vídeos a serem publicados. O site ofereceu funções básicas de comunidade, tais como a possibilidade de se conectar a outros usuários e a incorporação de vídeos a outros sites, o que na época era um diferencial.

Com o intuito de ser um repositório de vídeos, em 2006, o YouTube foi comprado pela empresa Google LLC por 1,65 bilhões de dólares, chegando ao Brasil somente no ano de 2007 (BURGESS, GREEN, 2009). Hoje os usuários permanecem inserindo vídeos no site, de acordo com seus objetivos, estimulando a cultura participativa.

O YouTube proporciona aos usuários a gestão de suas contas por meio de um canal. É possível produzir, buscar e compartilhar vídeos de acordo com as suas preferências, e assisti-los de qualquer lugar do mundo e em múltiplas línguas. No Brasil, seus números são expressivos. Uma pesquisa realizada pelo “Global Digital 2019”<sup>3</sup> atesta que a rede social favorita entre os brasileiros é o Youtube. O estudo revelou que 140 milhões de brasileiros estão nas redes sociais, o que corresponde a 66% da população, segundo o site TechTudo<sup>4</sup>.

Diferentemente do mercado audiovisual tradicional, cuja realização do produto audiovisual se divide entre diversos profissionais, cada um desempenhando sua função - direção geral, fotografia, produção, edição, cenografia, iluminação, entre outras - no YouTube, o destaque é o produtor de conteúdo que, por vezes, é parte única no processo de criação dos vídeos para a Internet (BERNARDAZZI E COSTA, 2017).

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://datareportal.com/reports/digital-2019-brazil>. Acesso em: 09/10/2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>. Acesso em: 09/10/2021.

O carisma, a criatividade e o bom relacionamento com o público atraem seguidores aos seus canais, denominados como pessoas 'inscritas'. À medida que os inscritos aumentam, a popularidade cresce e o canal passa a ter mais visibilidade e destaque. Logo, os donos desses canais passam a ser chamados de youtubers.

Bernadazzi e Costa (2017) definem youtubers como pessoas que possuem canais no site YouTube, postam produtos audiovisuais e, a partir disso, podem obter retorno financeiro e transformar essa atividade em carreira profissional. Os internautas interagem com os youtubers, por meio de comentários, respostas e avaliações de "gostei" ou "não gostei", de acordo com cada vídeo publicado no canal. Atualmente o mercado já oferece cursos preparatórios para se tornar um youtuber, com foco em noções técnicas do universo audiovisual, além de instruções sobre gerenciamento do canal e obtenção de lucros.

No Youtube, é possível encontrar informação e entretenimento sobre os mais variados assuntos. No presente trabalho, foram abordadas as barreiras e os avanços relacionados à inclusão de pessoas pretas no mercado de trabalho, tema trabalhado no capítulo a seguir.

### 3 RACISMO

Em 2021, uma foto dos funcionários da empresa Ável Investimentos<sup>5</sup> ganhou notoriedade na internet, pois as mulheres eram minoria e não havia funcionários negros. O fato rendeu milhares de comentários nas mídias sociais. Embora a discussão seja atual, a dificuldade de pessoas negras conseguirem uma boa colocação no mercado de trabalho é antiga.

O tráfico foi responsável pelo arrebatamento de milhões de homens e mulheres de suas nações na África para serem escravizados na América, especialmente em terras brasileiras. O Brasil envolveu-se plenamente nessa trágica história. Este período iniciou-se no país 30 anos após a chegada da caravela portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral, que tinha como objetivo inicial chegar até as Índias para a exploração do comércio de temperos (REIS e GOMES, 1996).

Após alguns anos, e já conhecendo as terras, os portugueses voltaram ao Brasil com a intenção de explorar novamente esse novo lugar e aumentar ainda mais as riquezas de Portugal. A exploração do país aconteceu por meio de trocas. Os portugueses repassavam quinquilharias (objetos de poucos valores, tais como brinquedos e bijuterias) aos indígenas e esses lhes entregavam produtos tropicais, como o Pau-Brasil, utilizado na construção de móveis, navios, e como corante (CUNHA, 1992).

Os indígenas, nativos do país, foram os primeiros a serem explorados. Eram obrigados a trabalhar incessantemente, apanhavam, eram acorrentados e mortos. Apesar de tudo, resistiram de várias formas, como fuga, guerra e recusa ao trabalho compulsório (SCHWARTZ, 2018, p. 20).

A escravidão indígena não foi tão lucrativa quanto Portugal desejava, assim, a Corte decidiu buscar africanos para serem escravizados no Brasil (SCHWARTZ, 2018). Historiadores relatam que diversos africanos vieram forçadamente para o país. Eles e seus descendentes constituíram a maior parte da força de trabalho existente durante os mais de trezentos anos em que vigorou a instituição escravocrata no país. Neste período, a escravidão penetrou todos

---

<sup>5</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/08/a-supremacia-branca-brasileira-que-logicas-sustentam-o-arranha-ceu-cheio-de-brancos.shtml>. Acesso em: 29/08/2021

os aspectos da sociedade brasileira. Os afro-brasileiros deram vida e fizeram movimentar “engenhos, fazendas, minas plantações, fábricas, cozinhas e salões” (REIS e GOMES, 1996).

Os escravos passaram por grandes humilhações, como o uso de correntes, o ceppo -, tronco grosso de madeira que o escravo carregava à cabeça, preso por uma longa corrente a uma argola que trazia no tornozelo (LARA, 1988) - além das torturas em troncos, onde eram presos e tinham suas vestes arrancadas para serem chicoteados.

O século XIX foi palco de importantes mudanças sociais. Neste período aconteceu a abolição da escravidão no Brasil, último país do mundo a abolir o trabalho escravo de pessoas de origem africana, em 1888, após ter recebido, ao longo de mais de três séculos, cerca de quatro milhões de africanos como escravos.<sup>6</sup> Após a abolição o branco passou a justificar cientificamente seu direito à hegemonia e à manutenção de privilégios, defendendo a ideia de que os negros eram inferiores e fracos, enquanto os brancos descendiam de uma espécie mais inteligente e forte (SILVA, 2007).

A etimologia raça sempre teve seu significado ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta a meados do século XVI (ALMEIDA, 2019).

A ideia se cria a partir do *racialismo*, antiga doutrina que afirmava que as diferenças biológicas existentes no interior da espécie humana eram grandes o bastante para diferenciar raças com qualidades psicológicas, intelectuais ou de caráter distinto (MUNANGA, 2016).

Almeida (2019) explica que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article/97-7a12/7a12-voce-sabia/curiosidades/1578-o-fim-da-escravidao-no-brasil.html>. Acesso em 13/11/2021.

é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. Por exemplo, a cor da pele negra (marca física externa) pode implicar na percepção do sujeito (indivíduo ou grupo) como preguiçoso, agressivo e alegre, como marca cultural interna (LIMA E VALA, 2004). É nesse sentido que o racismo é uma redução do cultural ao biológico, uma tentativa de fazer o primeiro depender do segundo (GUIMARÃES, 1999).

Almeida explica os conceitos de racismo científico, estrutural e institucional. Com o espírito positivista surgido no século XIX a biologia e a física serviram como modelos explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes raças. Desse modo, a pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência, identificado como racismo científico (ALMEIDA, 2019).

No século XX, estudiosos da antropologia e da biologia mostraram que “não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos (ALMEIDA, 2019, p. 22). Para o autor, todo racismo é estrutural.

O racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo. (ALMEIDA, 2019, p.15).

Entende-se a partir da afirmação acima que os sistemas sociais funcionando na sua normalidade (de acordo com as suas estruturas), reproduz as condições de desigualdades que colocam a população negra na base da pirâmide social: 77% das vítimas de homicídio no Brasil<sup>7</sup> são jovens negros. O país naturaliza a violência com essa população.

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml>. Acesso em 22/05/2022

poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional. É um tipo de racismo que sai da esfera pessoal e passa para um plano maior, nas esferas das instituições. Ocorre quando algumas instituições (públicas ou privadas) segregam grupos a partir das suas características físicas (ALMEIDA, 2019).

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais (ALMEIDA, 2019).

Quando se tem práticas de racismo nas instituições e que não causam uma comoção na sociedade, fazendo com que a população seja relativamente apática a essas situações, as ideias das instituições são transferidas para uma esfera maior, legitimando as ações e as práticas do racismo institucional.

De acordo com o Decreto nº 65.810 de 08 de dezembro de 1969 no Artigo I sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, “Nesta Convenção, a expressão “discriminação racial” significará qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tem por objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício num mesmo plano, (em igualdade de condição), de direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio de vida pública.”

A Constituição Federal Brasileira de 1988 incorporou as orientações da Declaração das Nações Unidas. Porém, na prática, pouco tem sido feito para a garantia dos direitos previstos na Lei. Mais de cem anos depois, o Ministério do Trabalho divulgou, em 2004, o primeiro “Plano Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo” no qual expressava construir uma política pública permanente de combate ao trabalho escravo. O grande objetivo deste primeiro plano era integrar e coordenar as ações de diferentes órgãos públicos e da sociedade.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup>Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/combate-ao-trabalho-escravo/plano-nacional-para-erradicacao-do-trabalho-escravo>. Acesso em 22/11/2021.

### 3.1 REALIDADE BRASILEIRA

Questões de etnia vêm sendo discutidas no mundo todo, inclusive no Brasil, que, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020, possui 54% da população que se autodenominam negras. No entanto, o país é racista. O “raio X” da situação da população afro-brasileira apresentado em março de 2016 no Conselho de Direitos Humanos da ONU explica que “o fracasso em lidar com a discriminação enraizada, exclusão e pobreza enfrentadas por essas comunidades” e denuncia a “criminalização” da população negra no Brasil.”

Em seu livro *Pequeno Manual Antirracista* (2019), Ribeiro questiona quantos talentos o Brasil perde todos os dias por causa do racismo. O impasse assume diversas dimensões no ambiente de trabalho, o que demanda análises constantes das práticas corporativas.

Apesar da heterogeneidade étnica, resultado da própria formação do povo brasileiro, o país está muito distante de oferecer oportunidades e remuneração iguais para negros e brancos no mercado de trabalho. Segundo o IBGE, o índice de desemprego é de 14,6% entre os negros (14,6%) e de 11,9% entre os brancos.

Pessoas negras que conseguem emprego ganham quase metade do salário de uma pessoa branca. Dados do IBGE apontam que, enquanto<sup>9</sup> o rendimento médio domiciliar per capita de pretos e pardos era de R\$ 934,00 em 2018, os brancos ganhavam, em média, R\$ 1.846,00.

Os números justificam a necessidade de se falar sobre programas de empregabilidade de pessoas negras. A população negra brasileira tem feito pouco progresso na conquista de profissões de maior prestígio social e na ocupação de posições de poder político. Ela ainda se concentra nas atividades manuais, que exigem pouca qualificação e escolaridade formal. Se a população negra é maioria no país, sua ausência em espaços de poder deveria ser chocante (RIBEIRO, 2019).

Para compreender melhor a realidade do mercado de trabalho, se faz necessário avaliar o cenário de acesso ao Ensino Superior no Brasil. Apenas

---

<sup>9</sup>Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em 15/11/2021

8,8% dos jovens pretos entre 18 e 24 anos frequentaram ou concluíram o ensino superior, de acordo com dados do Censo do Ensino Superior de 2011, divulgado pelo Ministério da Educação<sup>10</sup>. Em 2012, com a Lei das Cotas<sup>11</sup> (nº 12.711, de agosto de 2012)<sup>12</sup>, o Estado assumiu uma nova postura frente à adoção de políticas de inclusão e ações afirmativas, colocando-se como agente protagonista da tentativa de redução das desigualdades existentes dentro do país. No entanto, dados divulgados pela agência IBGE notícias em novembro de 2019<sup>13</sup> mostram que a taxa de ingresso no nível superior (percentual da população que concluiu ao menos o ensino médio e que entrou no ensino superior, independentemente de tê-lo concluído ou não) dos pretos ou pardos era de 35,4% e dos brancos, 53,2%.

Antes estagnadas e direcionadas para um tipo de perfil social e econômico muito estratificado e elitizado, agora as instituições de ensino superior precisam obrigatoriamente lidar com um público mais amplo e diverso. Ao criar essa janela de entrada para novos perfis, cria-se também uma demanda dentro da dinâmica do mercado de trabalho (GUARNIERI; MELO-SILVA, 2017).

Apoiada no movimento impulsionado pelas cotas, em que mais jovens profissionais pretos estão se formando, há a criação de uma mão de obra mais heterogênea, diferente da realidade que o mundo do trabalho estava adaptado. Sendo assim, o passo seguinte à capacitação intelectual e profissional do jovem cotista seria a entrada ao mercado de trabalho (GUARNIERI; MELO-SILVA, 2017).

Embora as desigualdades nas oportunidades para negros e brancos ainda sejam enormes, políticas públicas mostram que têm potencial transformador na área. O caso das cotas raciais é notável. E é por isso que as políticas de diversidade dentro de muitas corporações também funcionam como uma dinâmica de ação afirmativa e, muitas vezes, de cotas (RIBEIRO, 2019).

---

<sup>10</sup>Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/censo>. Acesso em 21/05/2022.

<sup>11</sup> De acordo com a lei, metade das vagas oferecidas serão de ampla concorrência, já a outra metade será reservada por critério de cor, rede de ensino e renda familiar. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em 25/05/2022.

<sup>12</sup>Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em 02/11/2021.

<sup>13</sup>Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em 02/11/2021.

Em setembro de 2020 o Magazine Luiza divulgou a abertura das inscrições para o programa de *treinee* 2021 direcionado especificamente às pessoas negras. “O objetivo do Magalu com o programa é trazer mais diversidade racial para os cargos de liderança da companhia, recrutando universitários e recém-formados de todo Brasil, no início da vida profissional”, informou a empresa, em comunicado.<sup>14</sup> O tema geral gerou bastante polêmica nas mídias sociais, a empresa chegou a ser acusada de cometer “racismo reverso” com a população branca.

Mesmo com a implementação de políticas afirmativas, os números ainda são baixos no que se refere à incorporação de colaboradores negros no quadro de funcionários das empresas no território brasileiro, principalmente nas posições de liderança. Uma pesquisa do Instituto Ethos<sup>15</sup> mostrou que os negros ocupam apenas 4,9% das cadeiras nos Conselhos de Administração das 500 empresas de maior faturamento do Brasil. Entre os quadros executivos, eles são 4,7%. Na gerência, apenas 6,3% dos trabalhadores são negros. Pretos e pardos são maioria no mercado de trabalho somente entre aprendizes e trainees – 57% e 58% dos trabalhadores, respectivamente.

No caso do programa de *treinee* do Magazine Luiza, a empresa sentiu necessidade de implementar uma política para ter pessoas negras em cargos de direção. De acordo com o CEO do Magalu, Frederico Trajano, 53% do quadro de funcionários são negros, mas apenas 16% ocupam cargo de liderança. Em entrevista para um vídeo institucional<sup>16</sup>, ele reconhece a falha do Magalu, que colocou um processo em curso para mudar essa realidade.

Segundo a empresa, o programa de *trainees* é o primeiro exclusivo para negros no Brasil, desenvolvido em parceria com as consultorias Indique Uma Preta e Goldenberg, Instituto de Identidades do Brasil, Faculdade Zumbi dos Palmares e Comitê de Igualdade Racial do Mulheres do Brasil.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/09/magazine-luiza-abre-programa-de-trainee-exclusivo-para-pessoas-negras.shtml>. Acesso em 02/11/2021.

<sup>15</sup>Disponível em: [https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil\\_Social\\_Tacial\\_Genero\\_500empresas.pdf](https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil_Social_Tacial_Genero_500empresas.pdf). Acesso em 15/11/2021.

<sup>16</sup>Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Z0ovbveEkl](https://www.youtube.com/watch?v=_Z0ovbveEkl). Acesso em 02/11/2021

<sup>17</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/09/magazine-luiza-abre-programa-de-trainee-exclusivo-para-pessoas-negras.shtml>. Acesso 05/11/2021.

Gonçalves, et. al. Voese (2016), explicam que existe, no contexto brasileiro, uma relutância em se pensar em políticas de inclusão dentro do ambiente corporativo para negros. Tal resistência é vista principalmente na dificuldade que muitas empresas possuem ao agregar esse tipo de discurso em sua cultura organizacional e no fato de ser o último grupo contemplado com políticas de inclusão dentro do contexto corporativo.

## 4 CANAL NEGROS EM FOCO

O objetivo do presente trabalho é refletir os avanços e barreiras para a inserção de pessoas negras no mercado de trabalho, por meio da criação de vídeos publicados no canal Negros em Foco (<https://www.youtube.com/channel/UCIjT2btyf5E34hGiK6xTUeA>), no Youtube. Neste capítulo, é apresentado o memorial descritivo do produto.

### 4.1 NOME E MARCA

O nome Negros em Foco foi escolhido para dar visibilidade a uma população que por muitas vezes foi silenciada na sociedade. Estando “em foco”, simboliza o poder de coloca-los como protagonistas.

Figura 4 – Marca do canal Negros em Foco



Fonte: o autor

Discutiu-se a necessidade de o nome do canal incluir negros e negras, mas o termo negro foi escolhido devido à dificuldade de se trabalhar o design com um título mais longo, além do receio de parecer não inclusivo. Usar negros e negras poderia excluir as pessoas não binárias, que não se identificam com nenhum gênero. A possibilidade de usar o X (negrxs), também foi pensada, mas tornou-se inviável devido ao erro ortográfico, que não é lido nos programas utilizados pelos deficientes visuais.

A imagem utilizada representa resistência. A escolha do símbolo da resistência negra tem o intuito de simbolizar a luta desse povo. O nome foco, em

destaque, serve para mostrar que neste trabalho a população negra é protagonista.

#### 4.2 PROJETO EDITORIAL/SUBTEMAS

Ao todo, foram produzidos cinco vídeos, subdivididos nas seguintes temáticas: racismo; a educação como instrumento de transformação; inserção de pessoas negras no mercado de trabalho; mulheres negras nas empresas; e debate (papo de preto).

Os vídeos apresentam diferentes linguagens, como a poesia, a ilustração, notícias (com o uso de matérias jornalísticas).

##### Vídeo 1: Me gritaram negra – Bem-Vindos

Vivemos em uma sociedade racista, se reconhecer negro pode ser um processo um tanto quanto doloroso. A não aceitação é o primeiro “porto seguro” para se encaixar nos padrões impostos pela sociedade. Se conhecer, conhecer o seu povo e a sua história, é de fundamental importância para ser feliz da forma que é. Se vivemos em uma sociedade racista, é importante conhecermos sobre racismo científico e estrutural. O vídeo, de forma geral, aponta as questões levantadas acima.

Tabela 1 – Resumo vídeo 1

TÍTULO	ENFOQUE	DATA DA PUBLICAÇÃO	FONTES	INTERAÇÃO
#01. Me gritaram negra – Bem-Vindos	Mostrar, em forma de poesia, sobre o processo de aceitação da população negra; Explicar sobre o trabalho de conclusão de curso; Explicar sobre racismo científico e estrutural; Apresentação do canal.	26/05/2022	Blogs da Ciência - Universidade Estadual de Campinas; Poesia: Me Gritaram Negra – Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra; Karien Melquiades; Livro: Racismo Estrutural (Feminismos plurais) – Silvio Almeida.	70 visualizações; 20 gostaram; 3 comentários.

Fonte: o autor

### Vídeo 2: A educação como instrumento de transformação

Com a abolição da escravidão, o negro foi colocado na sociedade sem nenhum projeto ou lei que o integrasse às escolas e/ou mercado de trabalho. A importância da Política de Cotas para o crescimento do número de pessoas negras tanto nas Universidades quanto no mercado de trabalho é uma das pautas do vídeo.

Tabela 2 – Resumo vídeo 2

TEMA	ENFOQUE	DATA DA PUBLICAÇÃO	FONTES	INTERAÇÃO
#02. A educação como instrumento de transformação	Mostrar que pela primeira vez os estudantes negros são maioria dentro das Universidades Públicas e qual a importância disso. Falar sobre a importância da política de cotas e do negro no mercado de trabalho.	28/05/2022	Agência Brasil; Agência Senado; Caio Martins; Fátima Regina; Folha de São Paulo; G1; IBGE 2019.	54 visualizações; 19 gostaram; 9 comentários.

Fonte: o autor

### Vídeo 3: inserção de pessoas negras no mercado de trabalho

É visível como a sociedade é dividida no ambiente corporativo. É perceptível que a população negra está majoritariamente em cargos de posições mais baixas. Em casos onde existe a exceção à regra, o impasse está na diferença salarial. O vídeo aponta tais problemas e como podemos resolvê-los. No vídeo, foram utilizadas imagens que não foram produzidas por mim, mas com permissão da empresa Magazine Luiza, que não aceitou conceder entrevista.

Tabela 3 – Resumo vídeo 3

TEMA	ENFOQUE	DATA DA PUBLICAÇÃO	FONTES	INTERAÇÃO
#03. A inserção de pessoas negras no mercado de trabalho	Mostrar como o negro está inserido no mercado de trabalho; Apontar programas de empresas privadas para a inserção de negros nas Instituições; Apontar o papel do Município para mudar a situação atual; Apontar benefícios de programas de diversidade e inclusão; Mostrar dados Goianiense sobre a população e mercado de trabalho.	29/05/2022	Agência Brasil; Anauara Vieira; Caio Martins; Magazine Luiza; Ministério Público do Trabalho - São Paulo Waléria Bezerra.	25 visualizações; 9 gostaram; 2 comentários.

Fonte: o autor

#### Vídeo 4: Onde estão as mulheres negras nas empresas?

É importante perceber que a mulher negra é colocada na sociedade, após o período de escravidão, de uma forma diferente do homem. As oportunidades dadas a essas mulheres são sempre as mesmas. Além de sofrerem diferentes tipos de preconceito no ambiente corporativo, muitas vezes sofrem com a diferença salarial também. O vídeo mostra os avanços e barreiras sobre o tema.

Tabela 4 – resumo vídeo 4

TEMA	ENFOQUE	DATA DA PUBLICAÇÃO	FONTES	INTERAÇÃO
#04. Onde estão as mulheres negras nas empresas?	Mostrar as dificuldades em ser uma mulher negra no ambiente de trabalho; Mostrar como a representatividade da mulher negra tem importância e serve como exemplo para as meninas que estão iniciando sua carreira; Apontar os avanços na área e como a sociedade vem se preparando para isso.	30/05/2022	Ana Caroline; Facebook; IBGE; G1; Karien Melquiades; Thamara Trindade; Globo News; Waléria Bezerra.	15 visualizações; 4 gostaram.

Fonte: o autor

#### Vídeo 5: Preta, conta pra gente!

O racismo pode causar impactos danosos na vida das crianças, e para aquelas que já sofreram com isso, os traumas podem ser para a vida toda.

Tabela 5 – resumo vídeo 5

TEMA	ENFOQUE	DATA DA PUBLICAÇÃO	FONTES	INTERAÇÃO
#04. Preta, Conta pra Gente!	Mostrar como o racismo influencia negativamente na infância de uma criança e como as histórias, por mais que sejam de pessoas desconhecidas, tem uma conexão.	01/06/2022	Ana Caroline; BBC News; Blog Freemind; Karien Melquiades.	11 visualizações; 4 gostaram; 1 comentário.

Fonte: o autor

#### Vídeo 6: O movimento Para o Negro

A ideia central deste vídeo era a divulgação da cartilha antirracista realizada e disponibilizada pelo Tribunal de Justiça de Goiás, unificando com o Movimento Negro de Goiás. Para esse vídeo foram realizadas duas entrevistas: uma com a Analista Judiciária do TJ GO Cecília Araújo e com o Integrante do Movimento Negro de Goiás, Dilmo Vieira, mas versão a final do vídeo não ficou pronta até a data de entrega deste trabalho.

#### 4.3 PROCESSO PRODUTIVO

As aulas de audiovisual foram base para o processo de criação do canal, uma vez que nunca fui youtuber, apesar de ter uma facilidade com as “telinhas” do digital. Todo o trabalho foi feito sozinho, inclusive as gravações, que duraram em torno de 5 horas, e a produção de conteúdo para quatro vídeos. Ao todo, foram entrevistadas 7 pessoas e cada entrevista durou em média 40 minutos.

As gravações e entrevistas foram realizadas com o celular por falta de orçamento para equipamentos que entregariam uma qualidade melhor, mas esse fator não prejudicou o conteúdo. Algumas entrevistas (em específico as on-line) tiveram um grau de dificuldade maior devido à conexão de internet dos entrevistados.

Para edição foi utilizado o programa de computador Filmora Go, pago, mas que já estava instalado no meu computador, com isso não houve custo adicional. Trata-se de um programa para iniciantes. Foram utilizadas diferentes linguagens, como a poesia e a ilustração. As músicas da vinheta e da trilha sonora dos vídeos foram músicas africanas para remeter à cultura negra.

#### 4.4 INTERAÇÃO

Para atender à demanda de um canal no Youtube, foi criado um perfil no *Instagram* (<https://www.instagram.com/negros.emfoco/>), para publicar conteúdos que levassem o seguidor até o canal. O intuito era despertar o internauta a ir de uma plataforma para outra. Os posts do Instagram foram criados com assuntos debatidos no vídeo e sempre postados na mesma semana do vídeo relacionado.

Tabela 6 – Periodicidade/frequência das publicações

DATA	PLATAFORMA	CONTEÚDO
------	------------	----------

26/05	Instagram Youtube	Post sobre o vídeo Vídeo no canal
28/05	Instagram Youtube	Post sobre o vídeo Vídeo no canal
29/05	Instagram Youtube	Post sobre o vídeo Vídeo no canal
30/05	Instagram Youtube	Post sobre o vídeo Vídeo no canal
31/05	Instagram Youtube	Post sobre o vídeo Vídeo no canal

Fonte: o autor

O perfil do *Instagram* teve 100 seguidores em dois dias.

Figura 5 – Perfil do Instagram



Fonte: Instagram

A primeira publicação foi a logo do canal e a explicação do trabalho, que conta com 100 curtidas, 26 comentários, 102 compartilhamentos e 6 salvamentos até o momento.

Figura 6 – métricas da publicação



Fonte: Instagram

O objetivo é ganhar mais seguidores e conseqüentemente melhorar os resultados.

#### 4.5 MEMORIAL

Sempre tive a ideia de fazer o TCC sobre algo que me desafiasse e despertasse o interesse em conhecer mais, mas talvez essa ideia tenha sido um pouco arriscada. Falar sobre a inserção de pessoas negras no mercado de trabalho é como falar sobre o meu processo de inserção, pois, como jovem negro, senti e sinto medo ao encarar o mundo por diversos preconceitos abordados neste trabalho. E foi com esse tema que eu muito aprendi, estou aprendendo e conseqüentemente aprenderei bem mais ao longo do tempo.

A escolha em fazer o meu trabalho de conclusão de curso sozinho me trouxe a liberdade para decidir como conduzir, como abordar o tema e como organizar meu tempo, mas também me trouxe grandes barreiras. Tive um número consideravelmente grande de disciplinas no último semestre do curso, não tinha equipamentos necessários para a gravação dos vídeos

(utilizei recursos do laboratório de TV), mas a maioria foi feita com o meu celular e com o meu notebook.

Em algumas entrevistas a internet da fonte não colaborou (como na entrevista da Anauara Vieira, que foi gravada duas vezes e, mesmo assim, a qualidade ficou ruim). Insisti com todos os entrevistados de Goiânia para que as entrevistas fossem presenciais, mas infelizmente não consegui realizar todas as entrevistas no formato desejado.

Analisando o resultado final fico extremamente feliz com o que produzi, afinal, fiz todo o trabalho sozinho, desde a roteirização dos vídeos, à gravação, edição, a criação do perfil no Instagram e do canal no Youtube, o design das artes, a logo e as publicações. Claro que não posso esquecer o apoio e paciência da minha grande orientadora.

Reitero que aprendi muito com o tema, o estudo me mostrou que eu pouco sabia e que a luta é bem maior que eu imaginava. As leituras realizadas foram de grande importância. Não consegui realizar algumas leituras no prazo indicado, mas creio que continuarei com o projeto, pois ainda tenho muito a aprender sobre o tema.

Aprendi a dizer aos amigos e colegas para não deixarem o TCC e o estágio no mesmo período, principalmente se, além disso, for preciso cursar outras sete disciplinas. O corpo cansa. Por fim, encontro-me feliz por ter escolhido um tema que me desafiou, me ensinou e, apesar das dificuldades, me deixou orgulhoso. A minha luta não para por aqui, acho que apenas começou, e assim termino o meu trabalho, com mais vontade de falar sobre o tema.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi apontar os avanços e barreiras para a inserção de pessoas negras no mercado de trabalho, por meio da criação de um canal no Youtube com temáticas sobre o assunto. De maneira geral, este objetivo foi cumprido por meio da produção de cinco vídeos sobre o tema.

O trabalho foi realizado durante a pandemia do COVID-19, o que intensificou ainda mais o tema, já que a população negra foi a mais afetada pela pandemia, como mostra a publicação da 4ª edição do Boletim Conexão Saúde<sup>18</sup>, onde foi possível entender quem eram as pessoas que tinham contato com o vírus ou apresentavam sintomas da doença. Entre as 390 pessoas infectadas naquele momento, 66% eram mulheres e 68% se autodeclararam pessoas pretas ou pardas. Um artigo Artigo<sup>19</sup> publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em maio de 2021, identificou como as desigualdades associadas a sexo, raça/cor e idades no mercado de trabalho foram afetadas pela crise da pandemia de 2020.

A produção do trabalho teórico aconteceu dentro do prazo, período foi de grande importância para o embasamento das entrevistas feitas adiante. A gravação dos vídeos e a edição demoraram mais que o esperado, mas não houve prejuízos ao trabalho.

Os principais desafios enfrentados foram a falta de qualidade de algumas entrevistas, a falta de equipamentos e o tempo escasso para a finalização do trabalho. Apesar de ter sido criado um Instagram para a divulgação do canal e verificação da interatividade e da multimídia, não foi possível avaliar essas características. Porém, o processo foi de muito aprendizado.

Conforme dados obtidos e apresentados, fica evidente que ainda há favorecimento e diferenciação no ambiente corporativo, mas que, em contrapartida, existem avanços em relação à inserção da população negra nestes ambientes. Cabe às instituições públicas e privadas buscarem alternativas que combatam e acabem com tais práticas de racismo atualmente.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/05E04-BoletimDeOlho.pdf> Acesso em: 14/06/2022.

<sup>19</sup> Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/210512\\_bmt\\_71\\_nota\\_tecnica\\_a3.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/210512_bmt_71_nota_tecnica_a3.pdf) Acesso em: 14/06/2022.

Espero que o trabalho desenvolvido estimule o público a refletir sobre o tema e a abraçar a causa para que mais avanços aconteçam.

## REFERÊNCIAS

ALEXA. **Audience Overlap Tool**. 2018. Disponível em: [//www.alexa.com/](http://www.alexa.com/). Acesso em: 21 de nov. de 2021.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6

BERNADAZZI, Rafaela; BRAGA, Maria; DA COSTA, Vaz. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-7-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>>. Acesso em 25 de nov. de 2021

BRADSHAW, Paul. **Instantaneidade: efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição**. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: UBI, livros LabCom, 2014. p.111-136.

**Base Legislação da Presidência da República - Decreto nº 65.810 de 08 de dezembro de 1969**. Presidencia.gov.br. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=65810&ano=1969&ato=81bo3YU5EMjRVTab2>>. Acesso em: 29 de mai. de 2022

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução: DIAS, Maria Carmelita Pádua. Revisão técnica: VAZ, Paulo. 2 a. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BURGESS, Jean. & GREEN, Joshua. **Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CANAVILHAS, João Messias. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

CUNHA, Manuela Carneiro. **História dos índios no Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992

GONÇALVES, E. B. P.; ESPEJO, M. M. D. S. B.; ALTOÉ, S. M. L.; VOESE, S. B. **Gestão da diversidade: um estudo de gênero e raça em grandes empresas brasileiras**. Enfoque Reflexão Contábil, v. 35, n. 1, p. 95-112, 2016.

GUARNIERI, Fernanda Vieira; MELO-SILVA, Lucy Leal. **Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica**. Psicol. Esc. Educ. [online], vol. 21, n. 2, 2017.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403#resultado>. Acesso em: 12 de mai. de 2022

LARA, S.H. "O castigo exemplar" em campos da violência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LIMA, M.E.O. & VALA, J. **Novas formas do preconceito e do racismo**. Estudos de Psicologia. Sergipe: 9(3), 401-411. Outubro 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/k7hJXVj7sSqf4sPRpPv7QDy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 de mai. de 2022

MORAIS, R.H.T. **Trabalhadores Negros: Uma análise do racismo no ambiente de trabalho**. 2014.82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Administração, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia, 2016**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59%3E>. Acesso em: 22 de mai. de 2022

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 21 de mai. de 2022

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

PAVLIK, Ubiquidade: O 7.º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade Por um Fio – história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROST, Alejandro. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

SALAVERRIA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravidão indígena e o início da escravidão africana.** In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

SILVA, Rebeca de Alcântara e. **A menina e o Erê na viagem ao ser negro/ser negra.** Uma pesquisa sociopoética com educadores em formação. (Dissertação de mestrado). Fortaleza, 2007. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3221/1/2007\\_Dis\\_RASILVA.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3221/1/2007_Dis_RASILVA.pdf). Acesso em 12 de set. de 2021

STANTON, Michael. **A evolução das redes acadêmicas no Brasil.** Jul/1998. Disponível em <https://memoria.rnp.br/newsgen/9806/inter-br.html>. Acesso em 21 de nov. de 2021

TURNER, David; MUNOZ, Jesus. **Para os filhos dos filhos de nossos filhos:** uma visão da sociedade- de internet. São Paulo: Summus, 2002.

ZILVETI, Marijô. **Ligue agora seu micro à Internet.** Folha de São Paulo, São Paulo, 08 fev, 1995. Informática, p.6.